

A crise como possibilidade de reinvenção: formação docente em serviço durante a pandemia de COVID-19

Aline Crispim
Lorraine Andrade
Priscila Basilio

A escuta entre nós, nesse momento de formação, fez eu me sentir muito acolhida na escola. (Professora)

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas, de qualquer modo, julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDETT, 2005. p. 223)

Diante de qualquer crise podemos ficar imobilizados ou potencializarmos nossas reflexões para velhas e novas questões. O setor da Educação Infantil, do CAP-UFRJ, apostou em enfrentar o momento de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19, como oportunidade de reflexão, e fortalecimento, a partir de trocas de experiências, escuta sensível e afetos.

Desse modo, construímos, reinventamos e deslocamos o currículo (CERTEAU, 1998) da Educação Infantil em nossa unidade, compreendendo que a produção curricular acontece de modo contingente. Pensando num âmbito local, a formação das professoras realizadas no Segmento da Educação Infantil do CAP UFRJ possibilitou a problematização dos modos como, as práticas e as relações com as crianças estão sendo constantemente (re)inventados e movimentados em direção à criação de um currículo possível.

Apesar de atravessarmos um momento de grandes desafios, incertezas, dúvidas e ansiedades, apostamos em reuniões semanais entre professoras, técnicas em assuntos educacionais que se articulam diretamente ao trabalho pedagógico, direção do segmento e coordenação do setor como locus de acolhimento às professoras recém chegadas à escola. Nesses encontros desenvolvemos práticas compartilhadas de diálogo e formação entre pares e ampliamos nossas experiências de articulação curricular valorizando as interações e a brincadeira, eixos fundamentais no currículo da Educação Infantil (BRASIL, 2009).

A partir das conversas estabelecidas com as professoras nos encontros de formação continuada, temos nos constituído uma comunidade de aprendizagem em tempos inéditos (COCHRAN-SMITH, 2012), na perspectiva de um esforço colaborativo

alicerçado nos desafios mútuos entre as diferentes vozes, pontos de vista, ideias, histórias e experiências dos sujeitos envolvidos.

Nesse cenário, tivemos que reinventar modos de interação entre adultos e crianças. Os espaços de formação tornaram-se tempos de solidariedade, partilha e afeto através da poesia, da música, da cumplicidade, das trocas de experiências e do enriquecimento da nossa reflexão. Este movimento deu subsídios para a realização do trabalho das professoras que chegavam à escola em tempos pandêmicos e, assim, descobrimos modos a lidar com os silêncios e com a distância, não necessariamente superando-os, mas aprendendo com eles.

A experiência da formação partilhada possibilitou aos professores ingressantes no CAP-UFRJ no segundo semestre de 2020 a vivência de um processo de socialização profissional pautada no diálogo e na reflexão, minimizando as dificuldades e a ansiedade inerentes a qualquer momento de ingresso, mas que, nesses professores, foram potencializados pelas marcas do distanciamento e da não presencialidade.

Compreendemos a socialização do professor como parte da construção de saberes, valores e atitudes inerentes à profissão, que se constituem na relação entre o sujeito e o seu contexto de atuação. Trata-se de conceber uma identificação profissional através da interação com o coletivo. Nessa perspectiva, o espaço-tempo das reuniões de formação semanais foi um elemento fundamental no acompanhamento das professoras ingressantes reduzindo as tensões provocadas pela condição de trabalho em tempos pandêmicos, bem como a vivência coletiva de reflexões acerca do trabalho pedagógico desenvolvido no âmbito da Educação Infantil.

Acreditamos que este movimento da vida deu ao nosso segmento a possibilidade de uma mobilização que mexe com as estruturas curriculares, fazendo-nos perceber, de modo prático, que o currículo é um jogo de negociações que acontece pelas vias das interações. Retomamos a epígrafe de Arendt e seu posicionamento pensando que a crise nos permitiu uma ruptura com tempo cronológico, fragmentado e tomado pelas burocracias que atravessam o cotidiano escolar, mobilizando-nos a construir uma relação outra com o tempo (de escuta, partilha, trocas de experiências, transformações e afetos) que nos permitiu habitar o currículo e a formação de diferentes modos atribuindo inúmeros significados às experiências do presente.

Referências:

ARENDDT, H. Entre o passado e o futuro. Tradução: Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução no 05, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Dezembro, 2009.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

COCHRAN-SMITH, Marilyn. A tale of two teachers: learning to teach over time. Kappa Delta Pi Record, 48, p.108-122, jul/set, 2012.